

Este texto está sujeito à seguinte licença:

Licença Creative Atribuição-Uso Não-Comercial-Compartilhamento pela mesma Licença 2.5 Portugal Commons

Para este efeito os autores são Ana Vitorino, Carlos Costa e Pedro Carreira.

Descarregue, partilhe, utilize e transforme. Mas exclusivamente para fins não comerciais e creditando sempre as autorias originais. E volte a partilhar eventuais obras derivadas deste mesmo modo.

# COMA PROFUNDO

**COMA PROFUNDO** estreou no Porto, na Foz Velha, em 11 de Outubro de 2002, com a seguinte ficha artística e técnica:

**Definição e documentação Geográfica** – João Martins e Nuno Casimiro

**Direcção e Dramaturgia** – Ana Vitorino, Carlos Costa e Pedro Carreira

**Colaboração na dramaturgia** – Nuno Casimiro

**Paisagem Sonora e Engenharia de Som** – João Martins (Todos os temas compostos por João Martins excepto Extractos do Segundo Cocerto de Bradenburgo de J. S. Bach e da Valsa nº 10 de Frederic Chopin).

**Vozes** – Ana Vitorino (ela) e Carlos Costa (guia)

**e também as vozes** de Pedro Carreira (voz rádio taxi e contador de histórias), Arsélio Martins (homem), Fernando Tavares (jornalista da rádio), Fernando Moreira (carpinteiro), Alzira Matos (mulher), Jorge Paupério (locutor), José Reis (professor), Catarina Antunes (rapariga1), Cláudia Escaleira (rapariga 2), Carla Carvalho (jornalista da televisão), Ágata Fino, Alexandra Martins, Catarina Martins, Cláudia Escaleira, Edgard Fernandes, Fernando Moura, Inês Ramos, João Martins, Jorge Marques, Manuela Lopes, Mariana Ricca, Nuno Casimiro, Paulo Lobo, Paulo Neves, Reinaldo Moura da Costa, Rosa Amélia Martins e Susana Monteiro (vozes na rotunda).

**Versão inglesa: Tradução** – Ana Vitorino e Carlos Costa (revista por Catarina Martins e Nick Redegrave); **Vozes** – Ana Vitorino (ela) e Carlos Costa (guia) **e também as vozes** de Pedro Carreira (rádio-taxi e narração sobre carpinteiro e sobre jornalista da rádio), Arsélio Martins (homem), João Madeira (contador de histórias), Thomas Scanlon (locutor) e Catarina Martins (narração sobre jornalista da televisão).

**Graffiti** – Marcolino/Ermit

**Projecto fotográfico** – Paulo Pimenta

**Design Gráfico** – Vitor Azevedo (DEC)

**Bilheteira** – Luís Neves/Junta de Freguesia da Foz do Douro

**Produção Executiva** – Ágata Marques Fino

**Produção** – Visões Úteis

© Visões Úteis, 2002. Os direitos sobre esta obra são reservados. Todos os pedidos para a sua utilização devem ser feitos para Visões Úteis, Rua do Bolhão, 65, 6º, 4000-112 Porto ou [mail@visoesusuteis.pt](mailto:mail@visoesusuteis.pt)

*(Entrada do Mercado da Foz. Um muro junto à floreira de entrada.)*

GUIA - Bem vindo.

Antes de mais permita-me que me apresente.

Eu serei o seu guia ao longo de um percurso de cerca de 50 minutos que se irá desenrolar nesta interessante zona da cidade. Na maior parte do trajecto iremos deparar-nos com ruas estreitas, ausência de passeios e um trânsito pouco ordenado. Não posso por isso deixar de lhe chamar a atenção para a necessidade de sermos extremamente prudentes, nomeadamente sempre que atravessarmos uma rua ou sempre que sejamos obrigados a caminhar fora do passeio.

Ao longo do nosso percurso tentaremos manter um ritmo calmo e sereno que acompanhará facilmente através do som dos meus passos. Peço-lhe que tente sempre acompanhar-me. Verá que não é complicado. Se seguir as minhas indicações e o ritmo da minha passada, deveremos conseguir realizar o percurso em segurança, dentro do tempo estabelecido e sem esforços desnecessários.

Estamos no Mercado da Foz, junto à floreira da entrada.

Vamos sair do mercado e virar à esquerda.

*(Andando)*

Passamos a cabina telefónica, o lampião e a paragem de autocarros.

Vamos até ao marco do correio.

Junto ao marco, à direita, há uma passadeira.

Vamos atravessar tendo atenção ao trânsito e vamos parar no passeio em frente.

Se não conseguir atravessar agora, espero por si do outro lado.

Estamos de frente para o portão branco.

Podemos ver, à nossa esquerda, um lampião com um sinal de trânsito e um caixote do lixo.

Vamos para a direita. Vamos na direcção contrária à do lampião.

Passamos a primeira árvore à nossa esquerda.  
Seguimos em frente, pelo passeio.

Seguimos sempre por este passeio, que curva ligeiramente.

Passamos a papelaria.  
Agora é fácil: vamos seguir sempre em frente.  
Estamos na Rua da Cerca.

Do outro lado, uma praça de táxis

Passamos a paragem de autocarros.

Barclays.

VOZ DA RÁDIO TAXI - Um carro à Praça Velha... Praça Velha.

GUIA - Um balcão do Totta, do outro lado.

VOZ DA RÁDIO TAXI - 59...está perto?

GUIA - Cuidado com o acesso à garagem.

VOZ DA RÁDIO TAXI - ...é aquela que parece uma arena... com uma espécie de... claustros... a toda a volta... com uma arcada quase desfeita, umas ruínas... e na arcada está um daqueles relógios... um relógio de estação de comboios... pendurado... há uma mulher de olhos azuis que prende o cabelo atrás da orelha... (porque é que ela faz isso?)... e olha sempre para mim... está calor...

GUIA - Continuamos sempre em frente.

Mais um lampião. O gradeamento verde à nossa esquerda.

Aqui, a rua parece dividir-se em duas.  
No centro, a mercearia "Flor de Cadouços".  
À direita, ao fundo, o mar.  
Seguimos pela esquerda, pela rua mais estreita.

*(Ao fundo vê-se o mar.)*

Passamos o Colégio Inglês e a partir daqui quase não há passeios.  
Cuidado com os carros, atrás de nós.

Seguimos sempre em frente, em direcção à casinha amarela que vemos ao fundo.

Vamos descer a rua, seguindo ao longo do muro de pedra.  
Cuidado com o acesso ao condomínio fechado.

Vamos seguir ao longo do muro de pedra, mas permita-me que lhe chame a atenção para o edifício que faz a esquina à nossa direita, onde podemos ver, junto ao lampião, um interessante símbolo decorativo. **Inserir símbolo #1**

ELA - Vezes sem conta comecei esta carta, desta mesma maneira "aqui, de onde escrevo, o mar parece uma película prateada de onde nascem casas e araucárias. São os lampiões que marcam esta ondulação, o ritmo desta maré de casas baixas e mulheres de preto viúvo da cal da igreja.

GUIA - Estamos a chegar à casinha amarela e vamos continuar ao longo do muro.

ELA - Aqui, as casas aninham-se em ruelas de paralelos tortuosos. Serpenteiam em cores diferentes, portas pequenas e roupa puxando o Sol às paredes. Cada casa com o seu pequeno oceano e janelas à espera que nos debrucemos nelas. Um universo de sons, luzes e sombras, mais adivinhados que descobertos.

GUIA - Vamos ignorar a travessa à direita. Continuamos sempre em frente.  
Cuidado com o trânsito.

Agora atenção: vamos virar na próxima rua à esquerda.

ELA - Uma...

GUIA - Viramos à esquerda.  
Entramos na Rua do Alto de Vila.

*(Um desenho a giz. Na porta duma casa abandonada.)* **Inserir símbolo #2**

ELA - Duas...

GUIA - Espero que o meu ritmo lhe esteja a ser confortável.

ELA - Três...

GUIA - O trânsito agora vem de frente.

ELA - Comovia-me ao ver o mar. Por isso não o olhava. Porque é que um regresso tem sempre de ter um motivo?

GUIA - A rua alarga.  
À esquerda, um gradeamento verde.  
Continuamos em frente.

Vamos parar um pouco em frente ao portão verde.

*(Parando. Ao longe uma nesga de mar.)*

Estamos numa zona da cidade cuja origem se perde na história e nas lendas. Há cerca de mil anos toda esta zona foi doada pelos primeiros reis à ordem religiosa dos Beneditinos, tornando-se assim praticamente independente do resto da cidade. Até ao século dezanove, a administração e o exercício da justiça pertenciam aqui aos monges Beneditinos, os senhores deste couto. Testemunho desta longa história é este gradeamento que, em tempos, delimitava uma extensa propriedade pontuada por uma casa senhorial. A casa foi substituída, como podemos ver, por este condomínio fechado, mas, além das grades e do portão, algumas das árvores da propriedade original foram mantidas.

Agora que estamos mais descansados, vamos continuar na mesma direcção. Sempre em frente. Vamos.

*(Andando. A rua parece deserta.)*

ELA - Encosto o ouvido às paredes e às portas. Oiço apenas o barulho dos pássaros e do cortador de relva. Onde estão todos? Qual é a espessura destas paredes? De que natureza são estas portas? Porque é que olham para mim como se fosse um estrangeiro ou um náufrago?

GUIA - Continuamos em frente. Ao fundo, no fim da rua, uma casa pintada de um amarelo pálido. Vamos nessa direcção.

Tenha cuidado no cruzamento com a Viela do Caminho Novo.

*(Um autocolante. Num lampião.)* **Inserir símbolo #3**

Continuamos.

ELA - Juntam-se à sombra das mesas a jogar dominó ou cartas e vestem-se de preto como se guardassem segredos. Às vezes, bebem demais e falam mais alto e contam histórias a quem não conhecem.

Um deles, a quem chamam "Poeta", disse uma vez "os muros que cercam a costa rebentam em recados de silêncio, falam dos que estão perdidos no centro de cidades abandonadas" e partiu sem dizer "até amanhã, se Deus quiser!".

Os outros disfarçaram o desconforto. Quando perguntei o que o Poeta queria dizer com aquilo, responderam-me "É um lírico! Não ligue ao que ele diz!".

GUIA - Vamos virar na próxima rua à direita. É uma rua estreita, logo a seguir à casa branca. Onde está o lampião.

Por aqui, por esta ruína antes do muro.

Vamos descer. Estamos na Rua do Veludo.

HOMEM - Aqui não entra o Jazz!

ELA - Sempre que passo as portas estão fechadas. É como se eles já soubessem que eu vinha. Como se o mar os tivesse avisado.

Esta é a sétima...

GUIA - A segunda casa amarela, a mais clara, com o mastro, é o Grupo Dramático Luís Marinho.  
Mais à frente a rua acaba.

CRIANÇA - Olha. Olha para trás.

*(Não há nada para ver atrás. Ninguém...)*

ELA - Sigo o homem-que-tentou-apanhar-um-pássaro. Sigo os seus passos. Peço o que ele pede. Sinto-me a mais.

GUIA - Estamos no fim da rua.

*(Um autocolante. Num caixote de lixo.) Inserir símbolo #3*

Viramos à esquerda, contornando a mercearia.  
Seguimos sempre em frente.  
Cuidado com o trânsito: esta rua tem 2 sentidos.

JORNALISTA DA RÁDIO - Na manhã do passado Domingo a cidade acordou para um triste acontecimento (...) a estátua que (...) foi barbaramente vandalizada, provavelmente por jovens anarquistas, eventualmente (...) De facto as seis estátuas (...) apareceram, da noite para o dia, sem narizes, os quais se presume terem sido decepados a violentos golpes de (...) Fica por esclarecer o porquê deste (...) atingir os narizes (...) a uma altura considerável (...) A polícia tomou nota da ocorrência e solicita(...)

GUIA - Outra mercearia.  
Continuamos sempre em frente.  
Descemos a Rua do Padre Luís Cabral.

HOMEM - Tirem as igrejas à cidade e vejam o que sobra

GUIA - A seguir, à direita, há um pequeno largo.  
Na esquina em frente, um talho.

Atravessamos na direcção do talho.  
Cuidado com os carros.

À direita, no passeio junto ao talho, existe um marco do correio.

Consegue vê-lo?

Vamos parar junto ao marco do correio.

*(Parando. Um autocolante. No marco do correio.)* **Inserir símbolo #3**

ELA - Estamos a ser observados. Não, do outro lado. Estão lá em cima... a ver-nos... à espera...

*(Não se vê ninguém lá em cima...)*

GUIA - Estamos no Largo do Rio da Bica.

ELA - Catorze...

GUIA - À direita, uma casa de um amarelo desmaiado. Por trás, uns prédios altos.

ELA- Quinze...

GUIA - No lado oposto, à nossa esquerda, uma casa verde.  
Vamos nessa direcção.

*(Andando)*

À direita da casa verde encontra-se uma rua com um sentido proibido.  
Vamos pela rua à esquerda, a que tem um lampião, junto às obras.  
É a Rua das Laranjeiras.

Cuidado com os carros: agora vêm de trás.

CONTADOR DE HISTÓRIAS - Poucos séculos antes de Cristo nascer, um filho de Alexandre Magno partiu de Atenas com um pequeno grupo de homens e mulheres em busca de novas terras. O vento acabou por desviá-los para norte assim que chegaram ao Atlântico arrastando a singular armada até à foz de um rio com reflexos dourados. Deslumbrado, o conquistador decidiu fundar aí um novo e vasto império.

Construiu o seu palácio numa encosta coberta de árvores, voltada para a foz do rio. Uma casa luminosa, mais parecida com um solar, rodeada de árvores enormes, com um pequeno templo e um lago pensativo. Em vez de muralhas, construiu muros altos em torno do jardim.

Guia - Outro lampião, junto à casa amarelada, com as janelas redondas.

CONTADOR DE HISTÓRIAS - Dizem que o vento assobiando nas copas das árvores acabou por enlouquecê-lo. Afastou-se dos seus homens e alheou-se nos jardins. Passou dias e dias em volta do lago, dormindo à noite no templo.



Quando começou essas deambulações pelo jardim, ainda emitia sons vagamente parecidos com uma língua antiga. Depois deixou de se ver ou ouvir.

GUIA - A rua que sobe à esquerda é a Calçada dos Ingleses. Nós continuamos em frente.

CONTADOR DE HISTÓRIAS - O seu povo, que entretanto erguera pequenas casas ao longo da encosta, acabou por abandoná-lo. Fecharam os muros em volta do palácio com pesadas portas para que a loucura não saísse daqueles jardins. Amaldiçoaram aquelas terras e voltaram-se para o rio, fundando uma povoação mais a nascente.

O imperador eremita, não mais foi visto ou ouvido. O palácio foi tomado pelas árvores e pelos pássaros.

Todos quantos se atreveram a invadir a selva que cresceu dentro dos muros acabaram lá os seus dias ou voltaram loucos. Falam de encantamento. Dizem que os silvos do vento nas árvores conduz à loucura.

GUIA - Vamos virar na primeira rua à esquerda.

Viramos pois à esquerda e subimos a Travessa das Laranjeiras.

*(A rua é fria. Sem sol. Sem pessoas.)*

Ao fundo um muro alto, de pedra.

Viramos à esquerda.  
Continuamos a subir.

ELA - Estranho. Não está ninguém. Nunca está.

GUIA - Rua de São João da Foz. Viramos à direita.

À nossa esquerda, a Fonte dos Frades. Vamos parar.

*(Parando junto à fonte. Ouve-se o barulho da água.)*

Construída em 1889, restaurada em 1945. Serve a vizinhança da Igreja de São João Baptista, que se encontra nas nossas costas, e que testemunhou, séculos atrás, longas querelas entre os Monges Beneditinos e o Sacerdote Regular da Ordem de Malta.

*(Um carro que parece abandonado. Mesmo junto à fonte. No retrovisor está suspenso um medalhão. )* **inserir símbolo #4**

CARPINTEIRO - (...) Isso foi quando eu ía a lixar o tecto que parece estuque mas é madeira pintada. Eu ía a subir o escadote e desequilibrei-me. Ao tempo que vou a cair, agarro-me à imagem da nossa senhora que estava num nicho na parede. Lá consegui segurar-me e quando olhei p'rá santa, ela estava com a

cabeça toda torta. Pensei, “já estraguei tudo!”. A minha primeira reacção foi ver se a podia compor e então descobri que estava torta mas não estava partida. Era mesmo assim. Tinha rodado, tá a perceber, e foi quando eu vi o tal buraco na cabeça da santinha. Era um buraco onde cabia uma mão travessa. Então enfiei-lhe a mão assim para caber no buraco, tá a perceber, e tirei de lá uns papéis amarelados. Nem sequer os abri com medo de estragar mais alguma coisa. Eu na altura fiquei sem saber que fazer. Entretanto, o senhor Doutor apareceu lá e eu dei-lhe as coisas. E nem quis saber de mais nada...

Vamos continuar em frente, com a Igreja à nossa direita.

*(Andando)*

GUIA - Estamos a chegar ao Largo da Igreja.

Vamos dirigir-nos à porta principal da Igreja, subindo os 3 degraus de pedra.

Entre na igreja.

Se não estiver a decorrer serviço, sente-se, por uns momentos, num dos bancos de trás.

Espero por si cá fora.

Se houver serviço, ou se a Igreja estiver fechada, descanse um pouco, junto aos degraus.

*(Na igreja. Num dos últimos bancos.)*

ELA - Escuro.

Muito escuro.

Os olhos escondiam-se num rectângulo de chão que separava as cadeiras.

Em frente, uma luz azulada que entrava pela rosácea aberta parecia congelar o tempo.

Em baixo havia uma porta do tamanho de um padre sentado. À altura do rosto, a porta estava perfurada para deixar passar a confissão. Do lado de fora ficava o claustro do silêncio.

Sentava-me todos os dias num dos bancos de trás, por baixo do coro, à espera que a porta se abrisse... à espera... desde os cabelos loiros que chegavam aos pés até aos cabelos brancos que foram para o túmulo.

Com o tempo, lentamente, o desconforto vai cobrindo o corpo, como o pó foi cobrindo a talha dourada.

Só ao fim de algum tempo tomamos consciência...

“Este banco é mais baixo do que os outros, tem as caixas de esmolas no espaldar...”

Com o tempo começamos a reparar...

“As flores sobre os altares não pertencem a este silêncio...”

A chave daquela porta acabou mesmo por perder-se.

GUIA - Está na hora de continuarmos o nosso percurso.

Vamos de novo para ao pé da porta da Igreja.

Estamos de frente para o Largo

ELA - Vinte...

GUIA - À direita, no... miradouro, vê-se um Ecoporto. Na rua que passa em baixo, encontra-se a casa do falecido escritor Raul Brandão.

À nossa esquerda, do outro lado do largo, uma moradia recente, com um largo portão de madeira.

Mais à frente, uma subida íngreme: a Rua do Adro da Foz.

É para lá que vamos.

*(Andando)*

Cuidado com os carros: vêm de todas as direcções.

Começamos então a subir a Rua do Adro da Foz.

É a parte mais íngreme do nosso trajecto.

Podemos ir mais devagar. Temos tempo.

ELA - Esquecemo-nos da porta aberta. Vai ficar para ali sozinha a bater com o vento.

GUIA - Por estranho que pareça esta rua tem dois sentidos.

Cuidado.

*(Vê-se o mar ao olhar para trás. Só por um momento.)*

Passamos a travessa à esquerda e continuamos sempre a subir.

Sempre em frente.

Estamos a entrar na Rua do Montebelo. Continuamos a subir.

Cuidado com o trânsito da rua à esquerda.

ELA - Estava alguma coisa dentro da fonte. Parecia uma pedra. Era diferente das outras. Parecia mais clara que o branco. Não, não era granito... Será? Ou um bocado de alguma coisa que já não serve para nada.

GUIA - Passamos a casa com as grades e o portão preto, à nossa direita.

A subida está quase a terminar.

ELA - Lágrimas outra vez, aqui em cima, na parede... **inserir símbolo #5**

GUIA - Vamos chegar a um largo.

No centro, um bebedouro. É ao mesmo tempo lampião e pelourinho.

Vamos até lá.

Podemos parar. É o sitio ideal para nos refrescarmos..

*(Parando. A água corre quando se abre a torneira)*

ELA - Ando há tanto tempo aqui às voltas e acabo sempre por parar neste lugar. Olhando-o em silêncio. Penso: "deve haver um motivo!"

GUIA - No largo podemos ver uma mercearia de um lado e um cabeleireiro do outro.

Atravessamos para o lado do cabeleireiro e seguimos em frente.

*(Andando)*

Vamos em frente, na direcção da casa de pedra que faz esquina, ao fundo.

ELA - Os caixotes dos feijões. As mangas cheias de pó. O cheiro do açúcar amarelo. O lápis grosso. As tiras de papel pardo. Os nomes dos fregueses.

GUIA - A rua começa a descer.

Mais um lampião.

Continuamos a descer.

*(Um autocolante. Num poste telefónico.)* **Inserir símbolo # 3**

Continuamos na Rua do Montebelo que aqui curva ligeiramente à esquerda. Cuidado com os carros que vêm de baixo.

*(Lá atrás vislumbra-se o mar. Só por um momento.)*

ELA - Aqui, de onde escrevo, tudo muda de sítio quando olhamos para trás e em cada janela há uma conversa a meio, à espera de ser retomada. Acabamos por alinhar num jogo de gato e rato. Ora procurando o mar entre os muros, ora fugindo da sombra dos cães.

GUIA - Vamos sempre em frente, sempre pela nossa esquerda, sempre ao longo do muro branco.

Sempre pela esquerda, ao longo do muro.

ELA - Sempre ao longo do muro que a morte é certa.

GUIA - Vamos curvar à esquerda, sempre acompanhando o muro.

Entramos no passeio largo.

Seguimos sempre em frente, com as casas brancas à nossa esquerda.

À direita, os arcos em ruínas.

MULHER - Ó minha Sant'Ana, que murcha que está hoje...

LOCUTOR - Qualquer coisa impede as paredes de se curvarem mais sobre os segredos que encerram.

Algo que ilumina os sussurros dos santos a que a espuma do mar banha os pés. Quando a maré sobe, os pescadores juntam os barcos e as redes no adro. Quando há temporal, são as mulheres que se guardam na capela, rezando pelos homens e pelos filhos.

MULHER - Este mar é mar de morte!

GUIA - Continuamos em frente, até ao final deste passeio.

ELA - Há homens gordos que arquivam histórias. Dizem “está em boas mãos”. Sem suar. Sem franzir a careca. São capazes de tudo e quando morrem, deixam tudo fechado a sete chaves. Ninguém sabe como.

GUIA - Vamos parar junto à passadeira.

*(Parando)*

Vamos atravessar na passadeira e virar imediatamente à esquerda. Vamos.

*(Andando)*

Começamos a descer a rua. Estamos de novo na Rua do Padre Luís Cabral.

O passeio estreita e à direita vamos encontrar cinco degraus que dão acesso à capela.

Vamos subi-los.

Seguimos em frente.

*(Uma casa abandonada. Mais uma...)*

ELA - Vigésima quinta: a das palmeiras...

GUIA - Estamos a chegar ao largo da capela. O muro à nossa esquerda tem a altura ideal para nos sentarmos. Vamos aproveitar e descansar um pouco. Mas cuidado: há uma altura considerável nas nossas costas.

*(Parando junto ao muro. Gruas gigantescas em frente.)*

À nossa direita podemos observar a Capela de Nossa Senhora da Conceição. Desconhece-se a data e objectivo da sua construção já que os documentos

que continham essa informação desapareceram em circunstâncias pouco claras.

No centro do largo afirma-se o tradicional cruzeiro de pedra.

Ao fundo, podemos observar a extensão do largo da capela, executada em 2001 no âmbito dos programas de requalificação urbana da Capital Europeia da Cultura.

Actualmente a capela está encerrada. Abre apenas no dia treze de cada mês para que a Venerável Ordem de Malta possa executar o seu ritual nocturno.

ELA - Um dia, as superfícies vão ficar perfeitamente alisadas, sem qualquer irregularidade. Fica a pedra polida e as sombras sem arestas. Fica a cidade limpa e sem pontos de fuga. Sem pausas para pensar.

Nesse momento, o mar estende o seu manto sobre a gigantesca esfera.

É só uma questão de tempo até que...

GUIA - Bem, temos que continuar.

Vamos levantar-nos e seguir para a esquerda, na direcção da casa com a chaminé de tijoleira.

Vamos.

*(Andando)*

Junto à vegetação que cerca a casa há uma escada.

É uma escada íngreme que nos leva de volta à Rua do Padre Luís Cabral.

Vamos descê-la. Mas com cuidado.

No fim das escadas, viramos à direita.

Continuamos a descer a rua pelo passeio da direita. À esquerda podemos observar um muro alto que delimita um jardim, uma antiga propriedade dos monges Beneditinos.

Atrás dos muros há cães. Não se assuste: estão presos.

ELA - ... Terra Santa... Chipre...

GUIA - ... Lampião...

ELA - Grécia... Malta... Foz do Douro...

GUIA - Depois do último muro branco, que faz esquina, atravessamos e continuamos sempre em frente, pelo passeio.

Um pouco mais à frente, à nossa direita, temos um Ecoporto.

Imediatamente antes de chegarmos ao Ecoporto, viramos à nossa direita e subimos os 4 degraus à nossa frente.

Vamos para o centro do largo, à nossa esquerda.

*(Parando junto aos estendais de roupa.)*

Estamos no Largo da Feira.

*(Um sinal pintado. Numa das árvores.)* **inserir símbolo #6**

PROFESSOR - Resulta assim, por efeito de um processo psicológico bem conhecido, uma diferença ontológica que favorece um protagonismo, mais do que isso, uma classificação numa dimensão supra-humana.

Surgem assim, mitos destinados a explicar esse estatuto superior, e nascem assim os chamados "heróis civilizadores", e as suas dinastias, mais ou menos perenes, que passam a constituir o suporte da estrutura social.

Trata-se do que certos autores chamam "mitos de sobrevivência", pois desempenham uma função memorialista, que permite que a cultura e a organização social se reproduzam no seio da memória colectiva, recuperando-se assim do traumatismo sentido pelas comunidades sempre que a morte provoca uma descontinuidade na sua vida

A ruptura verificada no tempo real é assim recuperada e sublimada, na imutabilidade de um tempo mítico, por uma representação com características próximas às dos deuses solares, à qual se associariam, com toda a probabilidade, ritos de passagem com clara referência cosmológica.

GUIA - Vamos abandonar o largo pelo lado oposto por onde entrámos, subindo os dois lanços de degraus.  
Vamos.

*(Andando)*

Em cima, ao fundo, a Escola.

No fim do segundo lanço, vamos atravessar na passadeira, à nossa esquerda.  
Com cuidado.

Vamos subir em direcção à loja com o reclamo amarelo: fotocópias, jornais, tabacos revistas.  
Vamos.

Começamos a subir.  
Cuidado com os acessos às garagens.

*(Um anúncio. Na montra da papelaria.)* **inserir anúncio símbolo #7**

Passamos à direita da loja e seguimos em frente, com o prédio à esquerda e o muro à direita.  
Vamos seguir sempre ao longo da floreira.

RAPARIGA 1 - ...e até fui ver ao livrinho que vem com a máquina, mas fiquei exactamente na mesma...

RAPARIGA 2 - Pois...

RAPARIGA 1 - E é que passa sempre um restinho de tinta... até já tentei só a 30 graus... e com o... a...aquilo, a centrifugação mais baixa, não é...

RAPARIGA 2 - Pois...

RAPARIGA 1 - Mas ainda não consegui encontrar o programa certo... não sei... e é que eu não tenho roupa para fazer dois diferentes, é que era um desperdício...

*(Atravessando caminhos interiores. Sem sol.)*

GUIA - Sempre em frente, por baixo das vigas, ao longo da floreira.

ELA - As vezes acordo tendo diante de mim um rosto consumido pela terra... os meus mortos estão cada vez mais vivos.

GUIA - O centro comercial termina ali à frente.  
Ao fundo, à direita, existem umas escadas.  
Vamos.

À esquerda, o Health Club.  
Vamos descer as escadas.

*(Pessoas a caminhar em tapetes. A pedalar em bicicletas.)*

No fim das escadas, viramos à direita.  
Subimos a rua. Os carros vêm de trás.

Lampião.

*(Um muro destruído. As pedras abandonadas.)*

ELA - Encosto o ouvido às pedras do muro. Oíço a passagem dos séculos, a inutilidade essencial da vida. As pedras já foram casas, castelos, conventos, cemitérios; testemunhas arrancadas à terra.

GUIA - Vamos continuar em frente, pela Rua do Paraíso da Foz.

Já estivemos neste sítio.  
O trânsito agora tem dois sentidos.

Continuamos sempre em frente.



ELA - As pedras querem descanso, poder ruir à vontade. Têm o direito de se acomodar a outras pedras antes de se desfazer em pó

GUIA - Vamos em direcção ao portão branco da Universidade Católica, que se vê ao fundo.

Cuidado com os carros que vêm da esquerda.

Vamos seguir sempre ao longo da rua, sempre pelo paralelo, curvando primeiro à esquerda e depois à direita.

*(Um enorme Grafitti. Na parede em frente.)* **inserir símbolo #8**

ELA - A roupa continuava lá estendida e já seca como madeira. Ninguém a recolhia. Se calhar tinha morrido.

GUIA - À esquerda, um baldio. À direita, um muro de pedra. Seguimos o muro.

Entramos na rua estreita. Os muros cobertos de vegetação.

JORNALISTA DA TELEVISÃO - "(...) o crime ocorreu há menos de duas horas, altura em que os vizinhos chamaram a polícia. Os motivos para este assassinato não são para já claros. Sabe-se que, aparentemente, estarão envolvidos neste caso dois ou mais indivíduos. Segundo apurámos, a mobília da casa terá sido completamente remexida não tendo contudo os agressores tirado qualquer objecto. A vítima era um conhecido coleccionador de arte e livros antigos, tendo inclusive uma das maiores colecções particulares de cartas marítimas, peças únicas, com centenas de anos, que testemunham as rotas mediterrânicas. Para já, a polícia suspeita que na base desta agressão estejam documentos antigos ou desenhos, peças facilmente transportáveis (...)”

GUIA - Ao fundo, uma casa branca.

Vamos seguir por uma estreita viela, à esquerda da casa.

Sim, é essa, onde nem sequer cabe um carro.

Mas cuidado com as motas.

*(Ninguém. Por aqui não passa ninguém.)*

ELA - Não devia ter vindo por aqui.

E se nunca mais chegasse ao outro lado?

E se não houvesse saída?

E se não pudesse voltar para trás?

E se não tivesse valido a pena?

GUIA - Ao fundo, à esquerda, um cemitério de pneus.

À direita, um parque de estacionamento e, mais à frente, um campo de jogos.

ELA - Foi mais fácil do que pensaram. A terra já nem oferecia resistência.

GUIA - Agora temos árvores à direita.

HOMEM - Ensinaram-nos a olhar para cima, para Deus, e para baixo, para o chão. Não nos ensinaram o mais importante: olhar à altura dos olhos para nos vermos uns aos outros.

GUIA - Mais vegetação, à esquerda.

Uma fiada de casinhas coloridas.

Estamos a chegar ao fim da viela.

Continuamos sempre em frente e paramos ao fundo, no passeio, junto à rua.

*(Parando. De volta ao trânsito.)*

ELA - Aqui de onde escrevo, sou uma prancha sobre o mar.

GUIA - Já estivemos aqui.

À nossa esquerda, o Mercado da Foz.

Vamos para a direita. Vamos em direcção à rotunda.

*(Andando)*

Queremos dirigir-nos ao interior da rotunda.

Ao fundo, há uma passadeira.

Vamos atravessar, sempre nas passadeiras, primeiro à esquerda e, depois, à direita, na direcção do interior da rotunda.

As travessias são perigosas, sobretudo a segunda. Esteja atento.

Eu espero por si no interior da rotunda.

Estamos na Praça do Império.

Vamos até ao centro, na direcção do monumento, e sentamo-nos no primeiro banco livre à nossa esquerda.

O nosso percurso terminou. Não ultrapassámos o tempo estabelecido. Se quiser pode descansar um pouco. Depois regresso ao Mercado da Foz e devolva o equipamento.

Muito obrigado.

*(A rotunda é imensa. As estátuas do monumento são imensas. Com os narizes partidos. As gruas ao fundo. Agora em contracampo. Não há mais ninguém. Só os carros à volta. E as pessoas lá dentro. A girar.)*

VOZES NA ROTUNDA - Uma estátua grande. Uma estátua grande. Deve ser isto. /Estás bem. É quente. Agora é tarde, se quiseres deixa-a no carro./ Seiscentos e setenta e três menos vinte e quatro são seiscentos e sessenta e oito, não, e nove... a treze por cento ao ano... /Se passar no supermercado antes de ir à escola consigo estar em casa antes das.../my little china girl, oh baby... /Na rotunda já eu estou caralho./Queijo, manteiga, leite, iogurtes... só produtos lácteos./Nokia, Nokia, Nokia, Nokia, Nokia...Connecting people./Parece que o vento nos vai levar, um remoinho gigante, para onde corre esta gente? Quanto vale este suor?/Um banho...não, como primeiro...como no café, é isso... já não aguento mais...depois um banho...parece aquela música do coiso...como é que se chama?/Que merda Maria, que merda!/Eles não me vão deixar entrar...Não acredito...Ninguém me deixa entrar.../Segue, segue, segue, segue... não pares, camelo!/Moby. Moby, Moby... Dick. Moby Prick! Ah! Boa, Moby Prick! O que é que é pior que uma baleia... não, quem foi o inventor do.../Não, ouve, ouve! Ouve esta! Ouve esta que ainda é melhor! Ouve o que o gajo ainda diz a seguir! O que o gajo ainda me vem dizer! A sério! Ouve esta! Espera! Ouve só! Tás a ouvir?/Foda-se, os atrasados mentais, grandes filhos da puta, as sanguessugas, não fazem nada e .../Tou, mãe, é só para dizer que vou chegar mais tarde a casa.

ELA - Merda! Para que lado é que fica o mar?